FOI no dia em que viajamos mais longe do que nossas pernas jamais poderiam alcançar em um único passo. Eu não me lembrava da última vez que tinha andado de trem-bala, mas ele era mais rápido e divertido do que eu esperava.

“Não é?” perguntei para a Adachi ao meu lado, mesmo que não houvesse como ela saber o que eu estava pensando.

A princípio, seus olhos se arregalaram, mas depois ela assentiu. “É.”

Era bom ter alguém me validando, mesmo quando não entendia.

Meu vigésimo segundo verão passava acelerado, como se quisesse alcançar algo. Enquanto via a paisagem se desfocar pela janela, pensei em todos os outros verões que deixei passar. Primeiro, os verões da escola primária, em que tudo o que eu fazia era sorrir; depois, os verões do ginásio, em que tudo o que eu fazia era me estressar; e então vieram os verões do ensino médio, em que tudo o que eu fiz foi conhecer a Adachi.

A cada novo verão, a estação recuperava um pouco de seu brilho perdido. O sol fez amadurecer as memórias que eu precisava guardar e aquelas que queria deixar para trás, tornando mais fácil relembrar. Para alguém que tinha dificuldade com nomes e rostos, quando se tratava de mim mesma, eu de repente tinha uma memória fotográfica. Talvez eu fosse muito mais autocentrada do que imaginava.

Da mesma forma, Adachi também tinha vinte e dois anos agora, e seu cabelo estava mais comprido do que no ensino médio — como as raízes nutridas de uma muda que havia crescido e se tornado uma árvore alta. Antes que eu percebesse, ela passou a parecer completamente à vontade, com um sorriso suave. Uma vez me disseram que achavam que ela era fria, mas eu ainda não tinha conhecido essa versão dela. Reconheço que, provavelmente, foi o que havia de melhor.

Nosso destino de viagem era uma cidade conhecida por suas atrações turísticas e, no verão, eu esperava que estivesse lotada de outros visitantes. Então, por que ainda escolher ir para lá, quando a simples ideia de multidões de verão já me deixava meio *blegh*? Porque era um passo mais perto do meu objetivo de longo prazo: uma viagem ao exterior. Em termos de distância, pelo menos. Talvez fosse uma razão incomumente simples para alguém viajar para o leste.

Além disso, essa cidade ficava perto do oceano e, como minha cidade natal ficava no interior, eu esperava que a brisa do mar me fizesse sentir que tinha ido muito mais longe.

“Shimamura, olha.”

Quando me virei ao ouvir a voz da Adachi, encontrei um tsuru de origami. Aparentemente, o papel do nosso almoço no trem tinha ganhado nova vida. Ou ela estava entediada, ou queria mostrar suas habilidades, porque o segurava com um leve ar de orgulho. E, enquanto eu observava o pássaro abrindo as asas na palma da mão dela, não senti nada além de alegria.

Depois que o trem-bala nos levou através do país, fizemos a transição para um trem local menor. Ao contrário do trem-bala, este estava lotado, e não havia lugar para sentar. Assim, ficamos em pé ao lado da porta, ombro a ombro,

esperando firmes pelo nosso destino. Enquanto Adachi mal tinha bagagem, eu carregava uma mochila bem grande, e isso parecia indicar alguma coisa — talvez nossas personalidades. Pensei nisso enquanto balançava junto com o movimento do trem.

E assim, finalmente, chegamos ao nosso destino, tudo sem dar um único passo. Eu me sentia estranhamente inspirada pelo poder da tecnologia.

“E aí, o que acha agora que chegamos?” perguntei para a Adachi de repente, enquanto descíamos as escadas da estação.

Ela parou para pensar por um momento, olhando para o horizonte. “Ahhh… bem… droga, ainda não tenho uma opinião.”

“Que coincidência! Mesma coisa comigo.”

Ao ouvir isso, seu rosto se iluminou de alívio, e ela sorriu. Expressar-se já não era mais uma dificuldade para ela.

Passamos pelas catracas e saímos para a luz cintilante do sol, onde um riquixá esperava como um táxi no meio-fio. *É, com certeza é uma armadilha para turistas.* “Primeira vez que vejo um desses pessoalmente”, murmurei, apontando discretamente.

Adachi se virou para olhar. “Aposto que andar num desses agora deve ser quente e desconfortável”, comentou, e de fato, não havia cobertura. Mas, se ele estava ali, então certamente havia quem quisesse.

Ao lado dele estava, presumivelmente, a condutora: uma jovem de cabelo loiro, vestindo um casaco *happi*. Atrás dela, o céu azul profundo fazia um contraste tão marcante que parecia que ela o carregava nas costas. Dirigir um riquixá me parecia um trabalho pesado, mas, se mulheres da idade dela conseguiam, talvez não fosse tanto assim.

Enquanto eu ficava ali, distraída e olhando sem foco, a mulher de repente se virou, e nossos olhares se encontraram. Instantaneamente, ambas congelamos.

Difícil dizer qual de nós percebeu primeiro, mas…

“*Senpai*?”

“Bem-vinda, bem-vinda! Venha garantir uma lembrança de verão como nenhuma outra! E daí que tem táxis logo ali? E daí que o ônibus é mais barato? Isso aqui é um riquixá! Ah, e o calor — que tempo ótimo, não é mesmo? Essa estação pode parecer o inferno nos melhores dias, mas é só subir que suas férias vão ganhar um brilho especial! Estamos pegando fogo, pessoal! Mas um dia você vai olhar pra trás — sim, vai ser a primeira coisa que vai lembrar da sua vida quando estiver no leito de morte! Então por que não evitar a burocracia e gravar mais do que fogos de artifício na sua… *Senpai*, você disse?”

Em vez de uma conversa de duas vias, ela despejou uma enxurrada de palavras na minha direção, só reagindo com confusão à minha pergunta depois de um tempo. *Espera… será que é mesmo ela?* Eu começava a achar que talvez tivesse confundido a pessoa.

Mas não, era a minha *senpai* do clube de basquete no ginásio. Ela era um ano mais velha que eu, e a última vez que a vi provavelmente foi em algum momento no início do ensino médio, então já fazia bastante tempo. Ainda assim, a reconheci na hora, provavelmente por causa daquele cabelo loiro chamativo.

Retifico minha declaração anterior: aparentemente, fui eu quem percebeu primeiro.

“Mas se não é a minha *kouhai*!” Percebi uma certa hesitação em sua voz.

“Você lembra o meu nome?”

Ela congelou, o que me fez pensar que a resposta era não. Mas, depois de uma pausa — ou talvez uma tela de carregamento —, ela falou: “É Shimamura, certo?”

Muito bem. “Demorou, hein.”

“Ha ha ha ha ha! O que posso dizer? Sou casada com o trabalho.”

Ela riu de coração, sem um pingo de culpa. Mas a versão dela que eu conhecia nunca tinha rido assim. Na verdade, quase não ria.

“Faz o quê… seis, sete anos desde a última vez que te vi? Se você conhecesse uma criança no jardim de infância e ela aparecesse de novo na sua porta no sexto ano, você não ia dizer algo tipo ‘¿Dónde estás?’ ou coisa assim?”

“Quer dizer, é… provavelmente.” *Mas tenho quase certeza de que seu espanhol está capenga.*

“Olha só pra você agora, velha demais pra brincar de boneca…”

“Tá, você também não me conhece há tanto tempo assim.”

“Aliás, eu nunca imaginei que encontraria você aqui, Shimamura Sei-Lá-O-Quê.”

“Pois é, justo. Eu também não esperava encontrar você aqui, Senpai.”

Toda a existência dela tinha sumido da minha memória. Felizmente, o cabelo dourado era tão marcante que tudo voltou em questão de segundos. Sério, como eu podia trombar com uma conhecida tão cedo estando tão longe da minha cidade natal? Será que o trem-bala tinha ido em linha reta mesmo, ou deu umas voltas em círculo quando eu não estava olhando? Por outro lado, nossa cidade não tinha riquixás…

“Shimamura?”

Adachi puxou meu cotovelo. Nessas horas, por que ela sempre beliscava a pele do meu cotovelo? *Nem tem gordura aí!*

“Jogamos juntas no time de basquete do ginásio”, expliquei brevemente. Bem… na verdade, essa era praticamente toda a história. Não havia muito mais o que dizer sobre ela.

“Hmm…” Adachi fez um leve aceno de reconhecimento.

“Uau, que moça bonita!”, exclamou a *senpai*. “Tão bonita que eu adoraria ter você como minha *kouhai* também.”

“Certo”, respondeu Adachi sem ânimo.

Ao ouvir isso, a *senpai* soltou uma risadinha estranha — do tipo que se dá quando você se lembra de alguma coisa. Às vezes eu mesma ria assim ao pensar em memórias antigas. Mas, no meu caso, eu era mais discreta.

De qualquer forma, começava a cair a ficha de como a Adachi era linda para qualquer um que a visse. Olhando para ela de baixo para cima, decidi entrar na brincadeira. “Uau, que moça bonita.”

“Hweh?” O rosto dela se desmanchou, e eu vi de perto o estranho fenômeno da beleza incrível que podia se transformar em algo adorável quando quisesse.

“Não é uma competição”, zombou a *senpai*. “Espera… será que você tá com ciúmes?”

“…De fato, estou.” Para falar a verdade, não era nada profundo; eu só queria experimentar falar isso. Agora começava a perceber o quão simples eu realmente era.

“Então, vocês duas moram por aqui? Não, não pode ser. Vocês não têm o cheiro da cidade.”

Quando ela falava da gente como se fôssemos a Bela e a Fera, dava a entender que eu não entrava na categoria “bela” nem de longe. Tudo bem. A colocação mais alta que já recebi foi terceiro lugar. E os elogios da Adachi eram tão exagerados que estavam em um patamar só deles.

“Estamos de férias. Imagino que isso aqui seja… sua carreira? Não um bico?”

“Correto. Senti que já não havia mais lugar pra mim em casa, então, quando terminei o ensino médio, caí fora. Por sorte, arrumei um dinheiro, e uma coisa levou à outra, e agora sou condutora de riquixá.”

“Arrumou um dinheiro…?”

De forma brincalhona, ela abriu os braços como se quisesse exibir seu casaco *happi* azul-índigo. A luz do sol parecia deslizar por cada fio do seu loiro dourado. Isso me lembrou da época em que eu descolori o cabelo… e de como todo mundo na minha vida odiou.

Nosso time de basquete não era nem habilidoso nem apaixonado, mas a *senpai* jogava praticamente todas as partidas. Já eu, com meu mau humor, não joguei nenhuma nos três anos.

“Ei, Shimamura. Já que o destino nos reuniu aqui, por que não dar uma volta?”

Ela apontou o polegar para o assento de passageiro e, pelo sorriso nos lábios, suspeitei que estivesse contando com o meu constrangimento para não recusar uma conhecida de antigamente. Eu estava cinquenta-cinquenta entre “não, obrigada, aproveite a vida” e “já que você tá oferecendo, por que não?”. Então decidi consultar a Adachi ao meu lado. “O que acha? Quer tentar?”

“Sua *senpai*...”

Isso não era uma resposta, e o olhar dela esfriava rapidamente. Ela podia parecer mais estável hoje em dia, mas, no fundo, ainda era a mesma garota. Precisava mesmo ter ciúmes da minha *senpai*, justamente dela? Do meu ponto de vista, era a Adachi quem estava recebendo muito mais atenção, e eu... bem, eu não estava nem aí. Mas só porque eu sabia como ela era.

“Somos amigas! Melhores amigas! Vem ser nossa melhor amiga também!” *Senpai* estendeu a mão de forma afável, mexendo os dedos como tentáculos. Mas, quando Adachi lançou um olhar, ela parou na hora. Lendo nas entrelinhas, começou a recuar: “Pensando bem, não somos amigas. Nem conheço ela. *Kouhai*? Quem?”. Como tentar virar um ovo frito e acabar jogando a frigideira inteira fora.

“Então acho que não nos conhecemos, né? A gente já vai indo.”

“Ah, qual é, não é óbvio? Quero mostrar pra minha *kouhai* o que eu faço da vida!”

Eu sou sua kouhai ou não? Resumi todos os meus pensamentos até agora: “Você mudou muito, sabia?”

Ao ouvir isso, ela afastou o cabelo do rosto e sorriu. Havia um brilho nostálgico nos olhos, como se quisesse dizer que eu não tinha mudado quase nada. “Pois é, eu queria me reinventar.” Rindo sozinha, voltou para o riquixá como se já tivesse decidido que a gente ia entrar.

Se reinventar?

Embora fosse tentadora a ideia de simplesmente ignorá-la e ir até o ponto de ônibus, eu já conseguia imaginar a cena dela correndo atrás da gente, arrastando o riquixá inteiro junto. “Ah, quer saber? Vamos tentar.”

“Tudo bem, mas... eu vou sentar do seu lado.”

“Hã? Sim, eu quis dizer nós duas... Ah, puxa vida, minha querida Adachi-chan. Não esqueci de você, bobinha.”

Pare de dar toda a atenção para ela, era o que Adachi estava querendo dizer. Entendi perfeitamente. Pegando-a pela mão, segui em direção ao riquixá.

“Aqui está um para-sol pra você. Desculpe não termos cobertura nesse negócio. E espero que tenha trazido sua própria bebida.”

A *senpai* pegou um para-sol de papel roxo no banco de trás e me entregou. O cheiro seco do papel *washi* subiu até meu nariz. Ao recebê-lo e me aproximar, percebi que havia uma cicatriz discreta na sobrancelha dela, que não estava lá antes. Parecia um corte, e só podia imaginar como aquilo aconteceu, mas guardei minha curiosidade para mim.

De mãos dadas com a Adachi, nos acomodamos nos assentos vermelhos com a ajuda da *senpai*. Assim que ficamos em segurança, ela correu para a parte da frente. Por trás, vi seus braços se enrijecerem e os músculos da cintura se contraírem.

“Prontas para partir, senhoritas. Para onde vamos? Têm algum lugar em mente? Ou querem o passeio guiado?”

Troquei um olhar com a Adachi e respondi: “O passeio.”

“Pode deixar!”

Era um pouco estranho olhar para o chão de um ponto mais alto do que eu estava acostumada. Então, enquanto observava a paisagem passar, percebi tardiamente: eu não tinha moral nenhuma para esperar que a *senpai* lembrasse do meu nome, porque, no fim das contas, eu também não conseguia lembrar o dela. Como era mesmo…? Lembrava vagamente que era algo incomum, mas nada mais concreto que isso.

“Tenho que dizer, Shimamura, você é bem descuidada.”

“Como é?”

De frente, com as mãos segurando as hastes, ela riu. “Você não deveria entrar sem perguntar o preço antes. Hihi!” Parecia uma criança que tinha acabado de pregar uma peça.

“Bom, e quanto é?”

“Três mil ienes por quinze minutos.”

“Que roubo!” Quinze minutos? Mal dá pra chegar no fim da rua!

“Ainda bem que vocês duas podem dividir o custo. Como é mesmo o ditado? Alegria compartilhada é alegria em dobro; tristeza compartilhada tem cinquenta por cento de desconto?”

“Não tenho certeza se é assim, mas entendi o que quis dizer.”

Abri o para-sol e o ajeitei de modo que a sombra cobrisse nós duas. Ele tingia nossa pele como se estivéssemos sob uma chuva roxa. Provavelmente não diminuía o calor nem um pouco, mas o tom arroxeado pelo menos fazia parecer mais frio.

“Até que eu gostei,” comentei, e Adachi sorriu de leve, seu rosto pintado pela sombra roxa — suave, pálido, tranquilo. Tudo o que a antiga Adachi nunca teve.

“Certo, pessoal, primeiro: aqui temos algumas estátuas de *ojizo*.”

Em questão de segundos, uma… atração turística?… surgiu ao lado das grandes rodas do riquixá: seis estátuas usando gorros e babadores vermelhos. “São mesmo estátuas de *ojizo*.”

“Isso aí.” O riquixá passou direto, sem nem parar.

“Hã… você não tem nenhuma história ou curiosidade sobre elas…?”

“Não? Não sou daqui, lembra?”

“…Táááá.”

“Se quiser todos os detalhes, posso indicar outro riquixá quando a gente terminar.”

“Grande ética de vendas.”

“Vou perguntar pra moça bonita: você prefere ouvir sobre os pontos turísticos daqui ou histórias da Shimamura no ginásio?”

“Esquece isso aí!”

“A Shimamura no ginásio,” respondeu Adachi, se inclinando para frente com entusiasmo.

“Paaara,” reclamei, sacudindo seu ombro. “Esquece o passado — vamos falar do futuro, Adachi!”

“Era primavera do primeiro ano dela, e uma colega de time gritou pra ela “passar logo a bola”. Em resposta, a jovem Shimamura Sei-Lá-O-Quê disse: “Tá bom, que tal assim?” e lançou direto nela—”

“PAAARA COM ISSO!” Como ela conseguia lembrar desse momento tão trivial se nem lembrava a minha aparência?

A propósito, aquilo tinha acontecido durante nosso primeiro acampamento de treino e, em resposta, a garota me deu um chute — momento em que virou uma briga de gato completa. Bela colega de equipe eu fui. Eu não queria nada mais do que pegar a pequena e amarga Shima-chan do ensino fundamental, enterrá-la numa vala e colocar um palito de picolé no lugar da lápide. O problema era que, pelo olhar dela, Adachi queria era segurar a mão da pirralha e resgatá-la.

“Adachi, sério, você realmente quer ouvir sobre isso?”

“Eu tô dividida… Parte de mim quer saber, mas parte de mim tem medo de que, quando eu descobrir, eu vá me sentir mal por não ter estado lá por você.” Ela levou uma mão ao peito enquanto confessava essa contradição. Eu entendia o sentimento, mas…

“Você não precisa saber disso, e sinceramente, eu fico feliz que você não estivesse lá. Eu não era uma pessoa legal, de qualquer forma.” Se a gente tivesse se conhecido naquela época, provavelmente teríamos nos estranhado e evitado contato.

“Oh? Então agora você é uma pessoa legal?” A *Senpai* se intrometeu.

Franzi levemente os lábios, refletindo. “Bom, eu tô me esforçando.”

“Ei, isso é incrível!” O rosto dela se iluminou como se fosse exatamente o que queria ouvir. “E ainda assim, a bela senhora traz o sofrimento visível em cada gesto.”

“Com licença?” A observação grosseira transformou a expressão neutra de Adachi em gelo.

Ooh, será essa a famosa Adachi Gélida? Devia saber que a Senpai teria o poder de atraí-la. Eu com certeza não tenho essa coragem.

“Eu adoro pessoas como você.”

“Com licença?” repetiu Adachi, agora com a voz afiada.

Mas a *Senpai* continuou sorrindo como se não estivesse preocupada. Ao mesmo tempo, as bochechas dela estavam tensas de tanto esforço para puxar o riquixá. A expressão dela transmitia várias coisas de uma vez só. Ainda assim, eu estava grata por ela ter mudado de assunto e saído do passado do ensino fundamental.

“Pela idade, você e a mocinha bonita estariam… no quarto ano da faculdade agora, certo? Essa é a viagem de formatura de vocês?”

“Algo assim.” Tecnicamente, era mais um aquecimento para isso, mas eu não tinha confiança de que conseguiria explicar para ela.

“Vocês são amigas da faculdade?”

Ela só estava puxando conversa, mas, para falar a verdade, eu estava um tantinho incerta sobre como responder. Enquanto eu hesitava, porém…

“Estamos namorando”, respondeu Adachi com firmeza, antes que eu pudesse falar.

A *Senpai* parou a três passos do cruzamento e olhou para nós. Quando nossos olhares se encontraram, ergui nossas mãos dadas em resposta. *Sim, estamos namorando.*

Adachi já estava no ponto em que conseguia dizer isso sem gaguejar. Eu olhei para o seu rosto de perfil e, embora talvez soasse estranhamente condescendente, admirei-a por ser tão esforçada.

“Oh ho”, a *Senpai* sorriu de canto.

“E o que exatamente significa esse ‘oh ho’?”

“Só estou surpresa que você algum dia fosse amar alguém”, disse ela sem rodeios — e, possivelmente, de forma mais rude do que nunca. “Digo, você nunca teve nenhuma queda por ninguém no ensino fundamental.”

“Tive sim… Bem, algo parecido com um primeiro amor, pelo menos…”

“O quê?!” Não foi a *Senpai*, mas a Adachi quem reagiu em choque, e eu me arrependi silenciosamente de ter deixado escapar. “Sh-Shimamura… você tinha uma queda por alguém?”

“Nem vem! Vocês me fazem parecer um monstro sem sentimentos!”

No meu caso, eu tinha quase certeza de que era diferente de uma queda. Havia algo naquela mulher que simplesmente… me atraía. Mas, se isso era o que significava gostar de alguém, então sim, talvez fosse romântico.

“O fato de eu amar você é prova de que sou capaz de amar outra pessoa, então… Espera, por que você tá me olhando assim?”

Adachi estava mordendo o lábio, com o rosto todo contraído para o centro, do jeito que minha irmãzinha ficava quando comia bala azeda. Mas ela não precisava explicar em voz alta quando a palavra INACEITÁVEL estava escrita no rosto dela como um letreiro de neon.

“Adachi, você está com uma cara de que vai morder o primeiro hamster que aparecer.”

“Como assim…?”

Não consegui pensar em uma explicação, então tentei tirar uma foto do rosto dela para mostrar, mas ela pegou meu celular para me impedir. Brinquei de cabo de guerra com ela por um tempo, mas foi tão improdutivo que acabei desistindo. “Enfim, por que você tá me olhando assim?”

“Não sei”, respondeu, ainda com uma expressão que representava uma ameaça aos hamsters do mundo todo. “É que…”

Já fazia tanto tempo que eu não via a Adachi emburrada que aquilo até aqueceu meu coração.

“Eu queria que o seu primeiro amor… fosse eu.”

“Claro, isso seria ótimo e tudo mais, mas… Ah, mas você ainda é a primeira pessoa com quem eu já namorei!” ofereci, na esperança de chegar a um meio-termo. Ela assentiu, mas apenas como um gesto de boa vontade, porque parecia só meio convencida.

“Interessante. Então, a garotinha antissocial que eu conhecia era, por dentro, uma donzela de coração puro”, comentou a *Senpai*.

“Vamos parar de falar disso. Mas, pra constar, meu “primeiro amor” foi só alguém que achei interessante, só isso”, falei.

“E que amorzinho insosso deve ter sido.”

O tom dela estava carregado de insinuação. Estaria sugerindo que o primeiro amor dela foi apimentado? Como seria um “romance apimentado”? Tipo uma queimadura que não dá para se livrar?

“Ensino fundamental, hein… Então quem foi? Kidou-kun? Shinkawa?”

“Quem?”

“Ah, qual é. Como é que eu vou saber? Hi hi hi!” Ela riu como uma criança com metade da idade. “Mas, se foi uma garota, pode ter sido alguém do nosso time. Ah, claro! Era eu, né?”

“Até parece!”

Sem querer ser rude, mas essa garota costumava ser bem mais normal ou, pelo menos, levava as coisas mais a sério. A personalidade dela mudou tanto que me perguntei se não tinha batido a cabeça em algum momento. Quando tentei identificar o que tinha mudado, olhei para o lado — e percebi que havia outra garota radicalmente diferente sentada bem ao meu lado.

Acho que as pessoas mudam.

Então Adachi percebeu que eu estava olhando para ela. Não faço ideia de como interpretou meu olhar, mas os olhos dela começaram a se encher de medo.

“Sério, não foi ela!” insisti, só para garantir.

“Pois é, eu imaginei. Eu era bem sem graça naquela época.”

“Eu não diria “sem graça”. Você parecia estar lidando com muita coisa.”

A *Senpai* refletiu sobre minha opinião por um momento. Então seus lábios se abriram em um sorriso. “Hoje em dia eu tento focar em me divertir, mas estou tão ocupada que não sobra tempo pra romance. A vida é uma droga, né?”

“Ocupada com o trabalho?”

“Sou uma raça rara, sabe, e ainda por cima tenho um rostinho bonito. Graças a Deus nasci linda.”

“E com tanta modéstia também.” Ela não estava errada.

“Mas, devo dizer que, no geral, os clientes preferem alguém que pareça daqui. Alguém bem educado que conheça a cidade — e certamente não faz mal se já tiver um pouco de fama por… Bom, nem vamos entrar nisso. O que quero dizer é que a boa aparência compensa. Quer dizer, foi assim que você fisgou a Shimamura, né, mocinha bonita?”

A *Senpai* direcionou a conversa para a Adachi. As duas mulheres bonitas se encararam, piscando, e então…

“Foi?”

Adachi se virou para mim em busca de confirmação. Eu teria sido, de alguma forma, fisgada pela beleza dela? Ela sempre teve um toque de melancolia espreitando por trás, que foi o que chamou minha atenção desde o começo, e provavelmente foi um fator que me fazia voltar ao segundo andar da academia para vê-la.

“Bem, achei você bonita desde o primeiro dia,” admiti.

O fim da minha frase pintou suas bochechas de vermelho, como se fosse pincelado, um efeito especialmente encantador sob a sombra roxa do para-sol de papel.

“Entendo…”

A voz dela ondulou como uma pedra pulando sobre a superfície do coração dela. E aquelas pequenas ondas me balançaram suavemente em resposta.

“Ah, hum, o mesmo comigo. Sempre… achei você linda, Shimamura.”

“A terceira mais bonita da nossa turma?”

“A mais bonita do mundo inteiro.”

Quando eu a cutuquei levemente com palavras, ela respondeu com o equivalente a um empurrão, firmando os pés no chão como se não fosse ceder nem um centímetro.

“Ob-obrigada.”

Para mim aquilo era exagero, mas para a Adachi, era uma verdade universal. Ao pensar nessa diferença de ponto de vista, senti alívio ao lembrar que ela ainda estava aqui.

“Viu? Não vai ser uma boa lembrança pra guardar depois?”

“Exatamente como a lembrança do respeito que eu tinha por você.”

“E aqui temos um *torii* super famoso! Todos atravessam por ele, de casais a recém-casados e até alunos do fundamental em passeios escolares! Siga esse caminho reto que vai dar num santuário!”

De repente, ela começou a recitar falas decoradas, como uma guia turística de verdade. E era realmente aquilo que ela dizia: na direção indicada havia um grande portão *torii* no centro da rua, com cães guardiões esculpidos em pedra em cada lado. E não era exagero sobre a popularidade; um grupo de mulheres, provavelmente turistas, estava posando para fotos ali embaixo.

Enquanto eu olhava ao redor, absorvendo a paisagem, avistei uma entrada da estação de trem do outro lado de um mini-mercado. Não era a mesma de onde saímos, mas indicava que estávamos dando a volta para retornar à praça da estação.

“É um lugar clássico pra tirar foto. Sempre que passo por ali, fico pensando o que aconteceria se eu jogasse o riquixá inteiro contra eles, como uma bola de boliche.”

“Hum, acho que você perderia o emprego.”

“A vida é difícil…”

No riquixá, atravessamos a rua em frente ao *torii*, e enquanto eu observava o fluxo de pessoas do outro lado, do meu ponto alto, as luzes pareciam embaçar minha visão. Era surreal e hipnotizante, como ver lanternas de festival noturno durante o dia. Por estarmos tão altas, o som do vento correndo pela rua ecoava forte nos meus ouvidos, mas se eu focasse no cheiro, conseguia distinguir um leve aroma que podia ser a brisa do mar.

Quando terminamos de atravessar, a *Senpai* olhou para cima de repente. “Entãão, ali é o mini-mercado,” explicou meio sem vontade, apontando para o prédio na esquina. Quase todas as vagas pagas estavam ocupadas.

“Sim, temos isso na minha cidade também, obrigada.”

“Sério? Essa cidade está ficando muito ‘gentrificada’! Aliás, senhoritas, seus quinze minutos estão quase acabando. Querem estender o passeio?”

“Vamos descer.”

“A saída é à sua direita! Não esqueçam seus pertences, blá blá blá!”

A *Senpai* parou na beirada da calçada e veio a um ponto morto, depois correu para a traseira para nos ajudar a descer, ainda pingando suor da cabeça aos pés. Desta vez, Adachi saiu primeiro, puxando minha mão. Quando voltamos ao chão firme, fechei o para-sol e o devolvi.

“Gostou do passeio, senhora?”

“Considerando que só fiquei sentada num lugar o tempo todo, aconteceu muita coisa.”

“Ótimo! Agora, se puder circular todos os 5 na pesquisa...”

“Pesquisa? Que pesquisa?”

“Brincadeiras à parte, Shimamura, preciso falar com você rapidinho. E você tem que pagar.”

“Ah, tá.”

Se ela queria falar a sós, eu precisaria que Adachi esperasse ali, e ainda assim...

“E ainda assim...”

A mocinha bonita não dava sinal de largar minha mão.

“Olha, eu preciso ir pagar pelo passeio, e pelo visto ela quer falar comigo sobre algo. Tudo bem pra você, minha querida Adachi-san?”

“Falar sobre o quê?”

“Bem, essa é a questão. Eu só vou saber quando falar com ela.”

Os dedos dela cutucavam os meus como se os estivesse repreendendo. Mesmo sendo só uma antiga conhecida com quem esbarramos por acaso, Adachi nunca baixava a guarda. Talvez o segredo do esforço dela fosse exatamente não se deixar acomodar.

“Tô te falando, vai ficar tudo bem. Tá bom?”

“Tá bom...”

Eu sabia que ela não fazia essa carinha de cachorrinho com intenção, mas era tão cruel.

Depois de, milagrosamente, conseguir que Adachi esperasse em frente a uma loja de roupas usadas próxima, me aproximei da *Senpai*.

“Como eu disse antes, são 3000 ienes.”

“Tá, tá.” Enquanto ela tirava a carteira, notei Adachi nos observando e lhe ofereci um sorriso.

“Qual o problema dela, afinal? Ela não tá com medo de que eu vá colocar as mãos em você, né?”

“Mais ou menos. Digamos que ela pode ser um pequeno gremlin ciumento.”

“Certo, certo.” Enquanto conversávamos, a *Senpai* estendeu a palma da mão na minha direção. Paguei os 3000 ienes inteiros, sem desconto para amigos ou família à vista. “Sabe, ela é bem única. Me deixa ficar com ela.”

“Ha ha ha…”

“Não, sério. Com sua bênção, vou tentar chegar nela o quanto antes,” disse com o rosto sério enquanto guardava o dinheiro no bolso.

“*Senpai*...?”

“Falando sério, eu também curto garotas. Ela seria perfeita se fosse só um pouquinho mais baixa.”

Não havia sinal algum de brincadeira na fala dela. *Você também?* Olhei para ela. Parecia haver um número enorme de sáficas na minha vida. Talvez houvesse algo em mim que as atraísse. Mas enfim.

Será que eu seria capaz de ceder a Adachi para alguém?

Minha vida atual, sem a Adachi, seria… uma versão minha à beira do colapso.

É, isso não vai acontecer.

“Bem, você não tem minha bênção.”

Neste mundo, só podemos dar permissão por nós mesmos, e de mais ninguém. Com essa compreensão, rejeitei a ideia de outra pessoa tocar na Adachi. Pelo meu próprio bem.

A *Senpai* ouviu a firmeza na minha voz e assentiu satisfeita. “Então acho que vou tentar sem ela. Num mundo sem permissão, a sedutora suprema reina absoluta. O nome dela—”

“Ei!”

“Só tô zoando. Embora eu goste de roubar namoradas, sei que essa aí é um desafio que não consigo encarar,” murmurou com um suspiro autodepreciativo. “Garotas leais como ela nunca se interessam por mim.”

“Claro. Elas não seriam leais se traíssem,” respondi meio séria demais.

Então ela puxou uma toalha e começou a enxugar o suor. “Tá bom, vou dizer uma coisa egoísta.”

“O quê? Ah... tá...?”

“Não menospreze sua namorada, Shimamura,” ela me alertou enquanto secava o suor do rosto. Me lembrou das vezes em que ela puxava papo comigo depois

do treino de basquete, de forma casual. “Não que eu alguma vez tenha seguido esse conselho, claro.”

“O quê?”

“Eu não posso mais ser esse tipo de pessoa. Mas você precisa ser, entendeu?”

“*Senpai*...”

Será que isso tinha alguma relação com a cicatriz discreta na testa dela? Egoísmo mesmo exigir de mim algo que ela mesma não podia fazer. Mas o fato de ela me avisar antes era um resquício da pessoa que ela já foi.

“Parece que aqui nossos caminhos precisam se separar.”

“Eu não paguei pela extensão, então é isso aí.”

Impressão minha, ou ela acabou de revirar os olhos? “Daqui pra frente, vocês duas podem ir aonde quiserem! Até onde quiserem!”

“Poxa, para de gritar!”

“E se cansarem no meio do caminho, não hesitem em pegar um riquixá, tá bom?” Enquanto segurava as alças, os pulsos dela se dobraram como se estivesse girando um volante. “De preferência, pelo menos quatro vezes antes das férias acabarem.”

“Você recebe comissão ou...?”

“Tô só dizendo que andar sozinha pode ser chato. Agora, é hora de achar minha próxima passageira.”

Ela começou a puxar o riquixá, e pelo rumo que tomou, percebi que estava voltando para a praça da estação. Enquanto eu observava o cabelo dela brilhar mais do que a luz refletida pelas grandes rodas prateadas...

“Se cuida, *Senpai*.”

Troquei meu habitual adeus por outra forma de despedida. Ela só nos carregou por quinze minutos, e talvez isso fosse adequado para uma conexão tão frágil quanto a nossa. Mas quando ela olhou para trás por cima do ombro, vi um lampejo dos tempos do ensino fundamental no sorriso dela.

“Obrigada pelo passeio! Tenham uma boa viagem!”

No fim, ela fez o papel de motorista com perfeição, encerrando o momento com chave de ouro. Com um rosto bonito, é fácil cortar as coisas na hora certa; isso eu aprendi com o relacionamento que tenho com a Adachi. E enquanto a via caminhar sob o céu azul brilhante, finalmente lembrei o nome dela.

“Isso mesmo. Eu só tinha visto o nome dela no papel, então falei errado na primeira vez. Ela me lançou um olhar tão feio...”

Mas hoje, eu podia olhar para aquela lembrança e sorrir.

Quando fui até Adachi, ela olhou para a figura que se afastava ao longe. “Ela realmente era estranha.”

“É, acho que sim.” Eu já tinha dois membros da família bem mais estranhos que ela, então aquilo não me abalou muito. “Só fico feliz que ela esteja bem.”

Desta vez, não disse “aproveite a vida,” e mesmo assim pareceu uma despedida definitiva. Mas, se por acaso eu a visse de novo, provavelmente reconheceria aquele cabelo loiro em qualquer lugar.

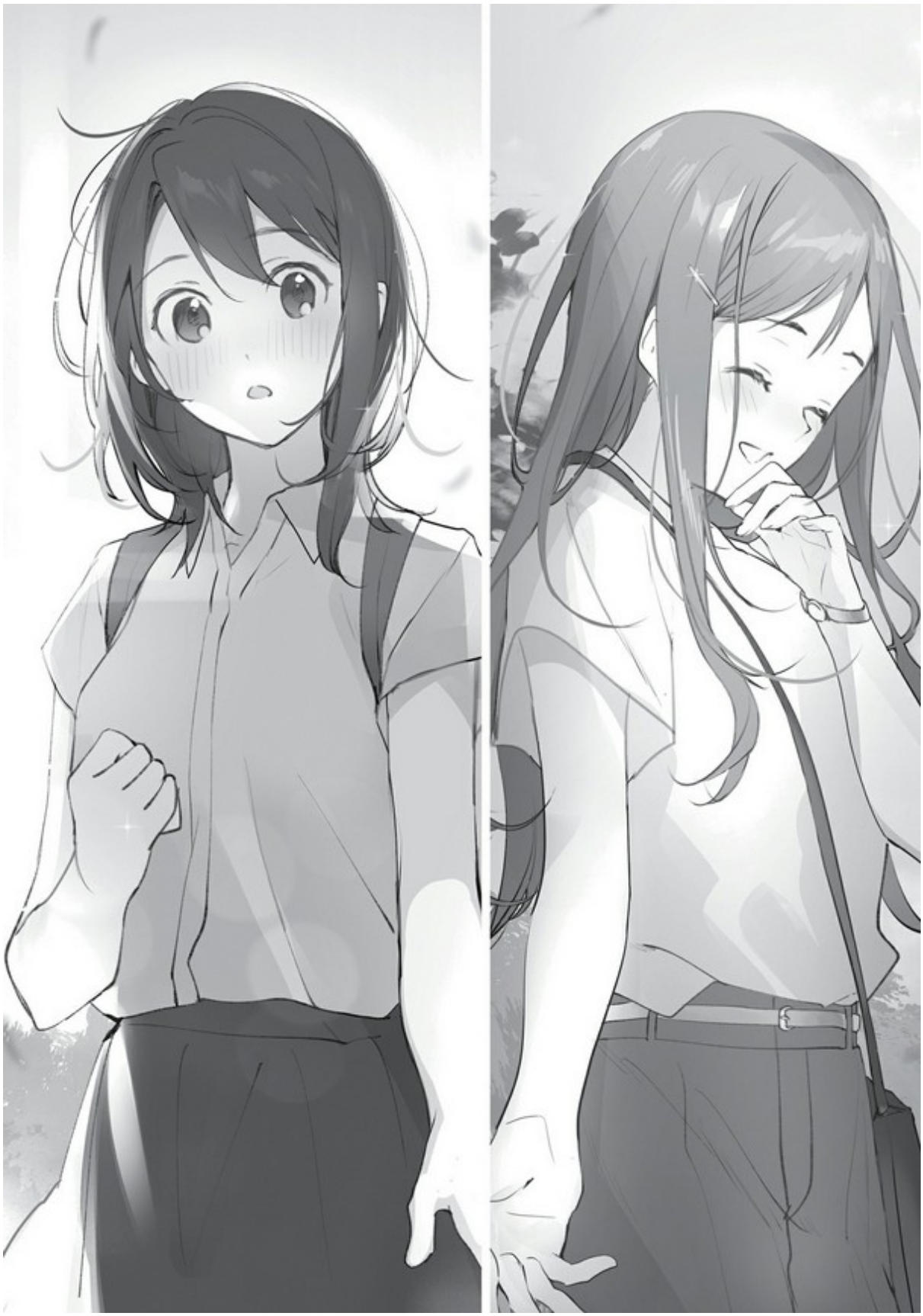
“Agora, pra onde vamos primeiro? Lembrancinhas...? Ah, isso pode esperar até o momento de irmos embora.”

Pela primeira vez, tínhamos a missão real de levar presentes para casa. Antes de sairmos, um *tanuki* correu pela casa para me oferecer, com ar convencido, uma moeda de 500 ienes. Naturalmente, ela queria besteira para comer. Como sempre que aceito dinheiro de um *tanuki*, eu ficava checando para ver se a moeda não tinha se transformado de volta em uma folha, mas até agora não aconteceu.

“Para onde você quer ir, Adachi?”

“Onde você estiver, Shimamura,” respondeu sem hesitar, e mais uma vez fiquei admirando a convicção dela.

“Mas eu já estou aqui.”



Quando estendi a mão para ela, ela a segurou com delicadeza, como se fosse um tesouro precioso. Como de costume, começamos a andar quase ao mesmo tempo, cada uma tentando guiar a outra.

“Estou meio desapontada por existirem quinze anos inteiros de Shimamura que eu nunca vou conhecer.”

Essa era, aparentemente, a opinião dela sobre o passeio no riquixá. Parecia que ela estava mais ocupada olhando para mim do que para a paisagem, e isso fez as cores do verão subirem às minhas bochechas.

“Mesmo que você tenha todas as próximas décadas pela frente?”

“São duas coisas diferentes.”

“Típico da Adachi.”

Ela era tão gananciosa que não ficaria satisfeita até provar cada pedacinho de mim. E já que isso só me fazia sorrir, estava claro que eu era um caso perdido. Seja em uma cidade conhecida ou em um território novo, ela estava ali comigo em cada passo do caminho. Ela era minha Polaris, minha luz guia, fazendo meu mundo inteiro brilhar... Não, ela era o meu mundo inteiro.

“Ultimamente, ando me perguntando se eu não te amo muito mais do que tenho consciência.”

Enquanto falava, sem olhar para o rosto dela, tomei uma decisão. Comecei a andar rápido, inclinando o corpo para frente para que a voz dela não chegasse aos meus ouvidos. Obviamente, nossas mãos unidas não permitiriam isso, mas mesmo assim, tentei fugir com todas as minhas forças.

Assando sob o sol de verão, meus membros se sentiam leves. Para onde iríamos? O que veríamos? E o que lembraríamos? Enquanto caminhávamos, tudo começou a se acumular. Apenas estar com a Adachi já era suficiente para me afogar em memórias.

Rezando para que essas lembranças um dia ressurgissem, como bolhas repletas de alegria, corri com ela por uma sequência de verões, cada um finito, mas aparentemente infinito.

Porque eu tinha decidido que nós duas poderíamos ir a qualquer lugar — tão longe quanto quiséssemos.